

## 60 ANOS DO GOLPE



## O 8 DE JANEIRO NÃO TEVE O APOIO POPULAR COMO NO GOLPE DE 64

ENTREVISTA  
**Heloisa Starling** / HISTORIADORA

Para pesquisadora, ataques de 2023 foram segunda de três etapas para consolidar a ruptura, que só não houve por falta de suporte interno e externo

MARCELO REMÍGIO e CAIO SARTORI publicam no site

Em seu novo livro, "A máquina do golpe — 1964", como foi desmontada a democracia no Brasil", a historiadora resgata minuciosamente o período que antecedeu o golpe. Ao comparar 64 com o 8/1, Heloisa ressalta o papel da sociedade na defesa da democracia, fala em destruição das Forças Armadas por Jair Bolsonaro e alerta para a decisão de Lula de não relembrar o passado.

**Países da América do Sul têm tratamentos tão diferentes em relação à memória e a golpes. Como a senhora analisa essa questão no Brasil?**

Por que conhecer a história do golpe de 64 é importante? Porque ela fornece repertório para a gente pensar o presente. Como aconteceu? Como esse golpe foi organizado? Como podemos garantir a democracia? O passado é que fornece esse repertório para que a gente possa avançar e reparar os erros. Não é por acaso que a falta reacionária da sociedade brasileira, que é o bolsonarismo, tenta apagar o passado. Exatamente porque querem controlar a História e o presente.

**O que acha de o governo não promover eventos sobre os 60 anos do golpe?**

É um erro do presidente Lula, muito pelo que falamos anteriormente. Quando entendemos o que falamos sobre 64, entenderemos o que acontece hoje. O compromisso do presidente com a democracia é real, não há o que discutir. Pode ser que o contexto, ali, estou rigorosamente especulando, dentro daquilo que ele viveu no período da ditadura, tenha feito ele avaliar dessa maneira.

**Em 64 o golpe se consolidou, com apoio dos EUA e de**

**governadores. Por que isso não se repetiu em 8/1?**

O 8 de Janeiro foi a segunda etapa da tentativa de golpe, antes houve o planejamento. Foi a execução, quando cria-se uma ação política de desestabilização das instituições para que se possa agir e tomar o poder, que é a terceira etapa. Mas o momento era diferente de 64, da situação de desestabilização. A posição internacional, também. Em 64 os Estados Unidos eram a favor do golpe e hoje são completamente contrários, com manifestações inclusive de outros países, que não dariam apoio a essa ação. A imprensa no 8/1 defendeu a democracia, o que não aconteceu em 64, quando o editorial de um dos jornais mais importantes do Brasil, o "Correio da Manhã", saiu com um "Fora, Jango!". O terceiro elemento foi a grande parte da sociedade brasileira que no 8 de Janeiro saiu em defesa da democracia, que se manifestou a favor do voto. Em 64 ocorreram reações diferentes, como a Marcha da Família. No 8 de Janeiro...

**"Na República, há uma disposição das Forças Armadas de tutelar"**

**"A fúria reacionária da sociedade, que é o bolsonarismo, tenta apagar o passado para controlar o presente"**

**"Bolsonaro impôs das Forças Armadas um processo de destruição"**

ro as forças a favor da democracia e da legalidade se uniram.

**Como a senhora analisa o papel das Forças Armadas?**

Na República há uma disposição das Forças Armadas de tutelar. A intervenção política é muito grande, é como se a República precisasse de uma bengala. É importante, na atual conjuntura, que a gente não perca a chance de eliminar e refazer o artigo 142 da Constituição (conferir às Forças a garantia de poderes constitucionais), deliberadamente dubio. Chamar a sociedade para fazer uma discussão para valer do que é um projeto de Defesa do Brasil nas nossas fronteiras embalar as Forças Armadas naquilo que é a posição delas.

**Pela primeira vez as Forças estão envolvidas em investigações. Qual sua opinião sobre isso?**

É algo inédito. Aos olhos da sociedade, há uma indicação mais clara do processo de destruição que o ex-presidente Bolsonaro impôs às Forças Armadas. Não sabemos a extensão desse processo de degradação. Nós não sabemos qual é a extensão desse processo dentro da instituição militar, como estão pensando nos quartéis, quais intenções bolsonaristas permanecem.

**Bolsonaro resgata um sentimento anticomunismo de 64, analisado em seu livro. Há espaço ainda para essa narrativa?**

Você tem uma construção do anticomunismo com (Getúlio) Vargas, em que há a insurreição e os comunistas armados. A partir daí é construído um imaginário elástico, que cabe em qualquer circunstância. Em 64, tem a presença de um campo de treinamento de guerrilheiros financiado "por culpa do comunismo". Com Bolsonaro, comunismo é Venezuela. A palavra virou algo que dá nome ao "mal". Por ser elástico, vai se adaptando à História.



## MINISTROS DA DEFESA SEMPRE FORAM FRÁGEIS DIANTE DOS MILITARES

ENTREVISTA  
**Carlos Fico** / HISTORIADOR

Professor diz que soberania do poder civil sobre a caserna, base da democracia, é mal resolvida e que artigo 142 baliza visão errada sobre poder moderador

CAIO SARTORI e CAIO SARTORI publicam no site

Nótorio conhecedor da ditadura e da relação entre política e caserna, o historiador Carlos Fico avalia que os militares passam hoje por um escrutínio que pode levar a condenações inéditas por tentativa de golpe. Com livros publicados sobre o regime instaurado há 60 anos, Fico finaliza este ano "Utopia autoritária brasileira", que vai explorar a história dos anseios intervencionistas no país.

**Como avalia a decisão do presidente Lula de evitar cerimônias sobre os 60 anos do golpe? O que ela diz sobre a forma como ele lida com os militares?**

A conciliação com os militares eu até lamento, mas compreendo, porque o governo foi eleito por pequena margem. Já a diretoria de não ter cerimônias sobre os 60 anos eu acho realmente condenável. Lula sempre teve a postura de buscar conciliação. Na Presidência é compreensível que se busque governabilidade, e os militares brasileiros ao longo de toda a História foram um fator de instabilidade. Há também uma fragilidade do Ministério da Defesa. A pasta, cuja concepção foi muito importante, foi criada com enormes dificuldades pelo FHC. Os ministros sempre foram frágeis porque nunca conseguiram resolver a preeminência do poder civil sobre os militares, os comandantes às vezes ainda têm mais força. No Brasil, não temos ainda a preeminência do poder civil, que é a base de qualquer democracia.

**Bolsonaro resgata um sentimento anticomunismo de 64, analisado em seu livro. Há espaço ainda para essa narrativa?**

Você tem uma construção do anticomunismo com (Getúlio) Vargas, em que há a insurreição e os comunistas armados. A partir daí é construído um imaginário elástico, que cabe em qualquer circunstância. Em 64, tem a presença de um campo de treinamento de guerrilheiros financiado "por culpa do comunismo". Com Bolsonaro, comunismo é Venezuela. A palavra virou algo que dá nome ao "mal". Por ser elástico, vai se adaptando à História.

**O senhor fala bastante do problema que é o artigo 142. Como acabar com isso?**

É muito difícil, porque vem desde a Proclamação da

República. Tivemos mais de uma dezena de tentativas de golpe e isso precisa ser enfrentado com um gesto muito forte: dar nova redação ao artigo 142. Esse artigo está presente com outros números em todas as Constituições republicanas, e a atribuição aos militares da garantia dos poderes constitucionais é excessiva e indevida. É a única coisa que poderia ser feita. Quem faz a crítica de que só isso não impediria os militares de tentarem golpe não entende a cabeça dos militares. Eles sempre interpretaram essa atribuição da garantia dos poderes como uma licença para tutelar a sociedade.

**Por que as Forças não executaram o plano de golpe do bolsonarismo?**

Provavelmente pela percepção, o medo dos generais de que não havia apoio popular e de que haveria consequências nas relações exteriores, no comércio internacional, e sobretudo de que haveria alguma reação popular. Embora Bolsonaro contasse com simpatizantes radicalizados, existiam e ainda existem setores de eleitorado contrários a isso. Esses militares que não apoiaram o golpe de Bolsonaro, embora provavelmente tivessem simpatia pelo bolsonarismo, ficaram sem ter como promover um golpe. Em 1964, a campanha de desestabilização de João Goulart foi tão intensa que havia a suposição de que seria possível enfrentar qualquer resistência. Acabou que não houve resistência alguma.

**O escrutínio pelo qual passam os militares, com a investigação sobre a tentativa de golpe, é inédito?**

Em relação a crimes comuns, o Superior Tribunal Militar costuma punir oficiais que não são generais. Coisa muito distinta é quando envolve generais, e outra distinção é quando envolve tentativa de golpe. Temos uma tradição brasileira que é a busca pela anistia. Agora vemos um movimento nesse sentido, mas parece que pela primeira vez esses militares serão punidos. E, se houver punição com sentença transitada em julgado pelo STF, vai ter algo ainda mais inédito: o julgamento moral pelo STF da declaração de indignidade para o oficialato desses generais. Se forem condenados, eles perdem as patentes, as condecorações, que é o reverso mais grave que um militar pode ter.

**"Lula sempre teve a postura de buscar conciliação com os militares"**